

Dívida Externa

A posição dos EUA na negociação

23 JUL 1990

GAZETA MERCANTIL

por Claudia Safatle
de Washington

O subsecretário do Departamento do Tesouro norte-americano, David Mulford, deixou claros, na última sexta-feira, os quatro pontos que devem ser seguidos pelo governo brasileiro na negociação da dívida externa:

1) negociar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI);

2) abrir as negociações com o Banco Mundial;

3) tratar dos pagamentos atrasados junto aos bancos privados credores do Brasil;

4) abrir a negociação para um acordo de médio prazo com os bancos privados.

A entrevista de Mulford, dada via satélite pela World NET, ocorreu um dia depois do encontro do subsecretário com Antônio Kandir, secretário de política econômica do Ministério da Economia, e foi marcada para desfazer eventuais mal-entendidos quanto à posição do Departamento do Tesouro dos EUA sobre os atrasados do governo brasileiro junto à rede bancária internacional, que não recebe os juros dos empréstimos desde meados do ano passado.

Mulford foi claro, porém, em que "o pagamento dos atrasados tem de ser trata-



Antônio Kandir

do dentro de um pacote global de negociação", embora tenha assinalado que a acumulação de dívida vencida e não paga "é um fenômeno muito negativo para o Brasil e acredito que o governo brasileiro compartilhe

(Continua na página 19)

O Banco Mundial (BIRD) colocou à disposição do governo brasileiro financiamentos da ordem de US\$ 2 bilhões para o ano fiscal que começou em 1º de julho. Entretanto, os técnicos do BIRD estão estranhando a cautela e lentidão do País em contratar estes financiamentos.

(Ver página 19)

A posição dos...

por Claudia Safatle
de Washington

(Continuação da 1ª página)

dessa visão". Sublinhou, também, que "em nenhum momento indicamos que toleraremos o não-pagamento".

Kandir, na entrevista que deu na Embaixada brasileira, na última quinta-feira, não afirmou que o Departamento do Tesouro dos EUA e o FMI teriam concordado com o não-pagamento dos juros já vencidos. Apenas ressaltou que essa é uma questão que será tratada no bojo de uma negociação global de redução do estoque da dívida

externa, e não separadamente, ou através de "token-payments", pagamentos simbólicos que, segundo ele, representam apenas "pseudo-soluções".

O que ficou evidente do encontro com Mulford e com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, é que o Brasil tem de acelerar as negociações com a comunidade bancária, em busca de um acordo o "mais rápido possível", e que, embora desconectada de um acerto com o FMI, a questão dos bancos privados internacionais credores do Brasil deve correr simultaneamente à negociação com o Fundo.